

CLASSICOS  
PORTUGUESES  
TRECHOS ESCOLHIDOS

POETAS DO  
CANCIONEIRO GERAL

Prefácio, selecção, notas e glossário

de

ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO

*Professor da Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra*

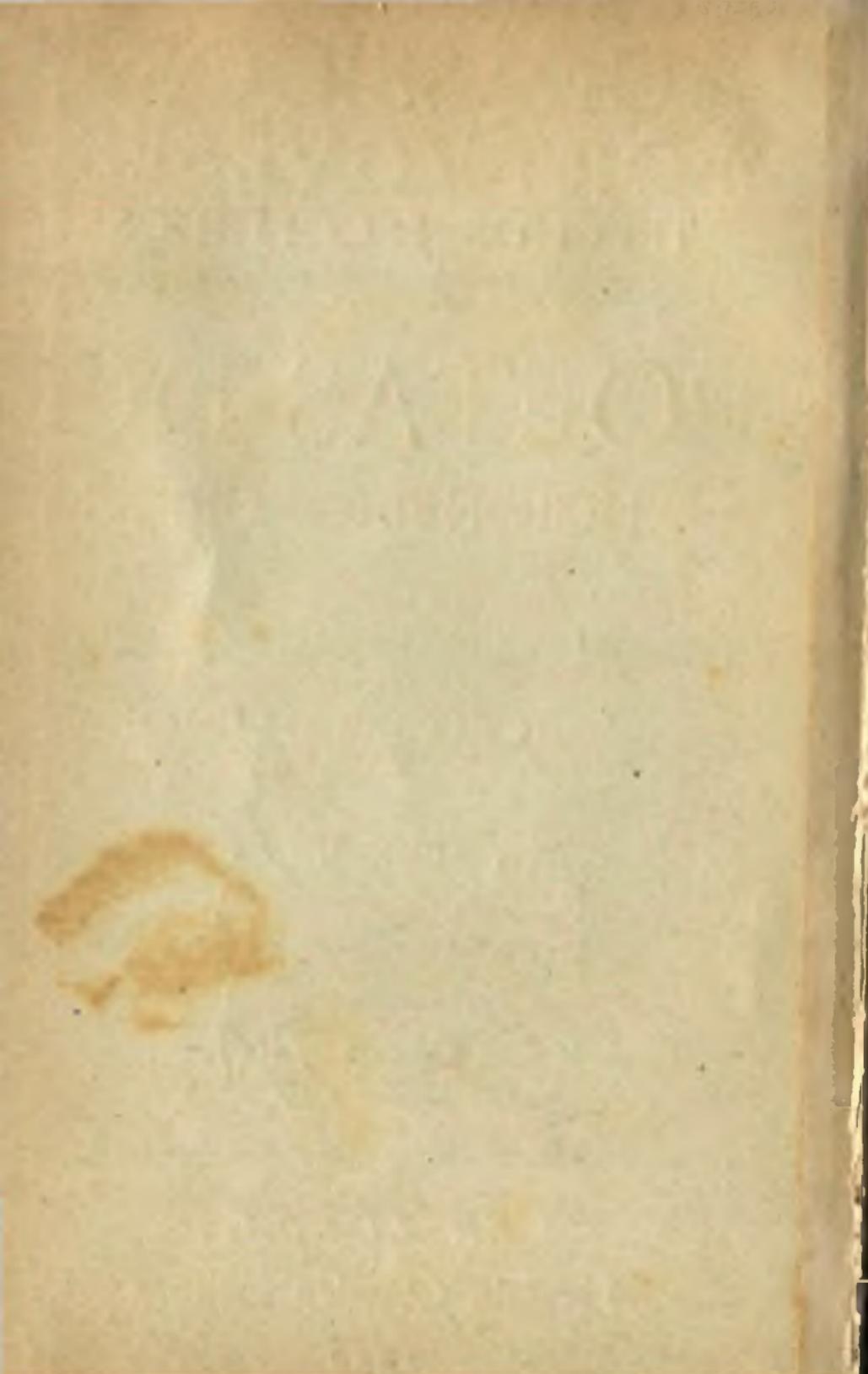


---

EM LISBOA

Livraria Classica Editora

1942



CLÁSSICOS  
PORTUGUESES  
TRECHOS ESCOLHIDOS  
Séculos XIII a XV — POESIA

POETAS DO  
Cancioneiro Geral

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
End. Avenida Rio Branco nº. 219/30  
Edifício da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

---

Tip. Mendonça / R. Pícarla, 30 / PORTO

CLÁSSICOS  
PORTUGUESES  
TRECHOS ESCOLHIDOS  
Séculos XIII a XV — POESIA

# POETAS DO Cancioneiro Geral

Prefácio, selecção, notas e glossário

de

ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO

*Professor da Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra*

869.1  
P.745

1942

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA  
A. M. TEIXEIRA & C.<sup>a</sup> (Filhos)  
Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA

IMPRESA NACIONAL

Biblioteca de Serviço Social

Nº 61

Data 15 / III / 1942

## PREFÁCIO

1. Do *Prólogo*, adiante transcrito, conclui-se que Garcia de Resende confiava à arte de trovar :

- um papel de informação e louvor históricos;
- um papel decorativo e complementar da educação cortesã;
- um papel satírico e moralizador.

Acima, porém, desta finalidade geral, a arte de trovar deveria trazer à memória *os... grãdes feytos*. De tudo isto se encontrará modelos no *Cancioneiro Geral*.

A filiação d'este é conhecida — e inegável: em 1511 Fernando del Castillo publicara em Valencia o *Cancionero general de muchos y variados autores*, reeditado em 1514.

O nosso *Cancioneiro Geral* é, como os da 1.<sup>a</sup> época, um cancionero colectivo: há nêle uns 286 autores: d'estes, uns 30 são espanhóis; dos autores portugueses, há um número sensivelmente igual a êste, incluindo o compilador do *Cancioneiro*, que trovou também em castelhano.

O *Cancioneiro Geral* inaugura a influência poética da língua espanhola, a qual subsistirá entre nós até meados do século XVIII.

Quaisquer que sejam as explicações de Ricardo Jorge sobre o fenómeno (1), a verdade é que o gosto de trovar em castelhano não favoreceu, como é óbvio, a nossa independência literária. O 1.º português que compôs versos em castelhano foi o Condestável D. Pedro Dêle temos no *Cancioneiro*, além de pequenas composições, as coplas *Del contempto del mundo*.

O *Cancioneiro* é demasiado vasto para ser saboreado dum fôlego. A abundância e a dispersão prejudicam a apreciação da obra; não admira por isso que, em 1846, isto é, na altura em que se iniciara em Estugarda a 2.ª edição do *Cancioneiro*, publicado pela primeira vez em 1516, António Feliciano de Castilho tenha podido escrever a seu respeito o seguinte: «Substância poética (valha a verdade) pouca se expreme do corpulento volume do *Cancioneiro*; quási nenhuma, fôra expressão muito mais exacta» (2).

O juízo é excessivamente apressado para ser aceito, sem mais, visto que o *Cancioneiro*, oculto durante séculos, e reaparecido no século XIX, ainda não pudera ser devidamente avaliado. No entanto, e apesar de tal opinião ter sido expendida há quási um século, há talvez ainda hoje autores de manuais dispostos a aceitá-la...

Não obstante tratar-se de uma colecção de quási três centos de autores, aproximadamente da mesma época, o *Cancioneiro Geral* está longe de ser um conjunto medíocre e uniforme. Se esta uniformidade existe

(1) V. *A Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro* (Conferência plenária proferida a 27-6-1921 no Pôrto, perante o Congresso Científico Luso-Espanhol com um prefácio da Professora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos), Pôrto, 1921. A conferência foi reproduzida em *Sermões dum Leigo*, 1925, pp. 163-236.

(2) V. *Telas literárias* (ed. da Empresa da História de Portugal), vol. I, p. 133.

sob o ponto de vista formal (não tão grande, porém, como pode supor-se), a verdade é que há nêle variedade de inspiração, individualismo literário, que está a precisar de ser pôsto em relêvo através de monografias substanciais. Os poetas do *Cancioneiro* não têm sido estudados na sua personalidade poética, mas como parcelas de um todo: é tempo de modificar o critério de apreciação, tanto mais que já lá fora se deu conta desta verdade.

É certo que nem tôdas as composições são individuais. Exemplo típico é a 1.<sup>a</sup> das composições recolhidas: *O Cuydar e Sospirar*, espécie de *tenção*, combinada com *jôgo partido*, de 3172 versos. Esta composição foi escrita de 1483 a 1484, segundo se depreende das trovas que se lêem a pp. 96 e 115 da ed. Gonçalves Guimarães. Entraram no feito, escrito, como nota Jole Ruggieri, sob a influência do estudo refulgente do direito e «no qual as mais diversas tendências literárias e retóricas confluem com a mais espantosa abundância», 10 poetas, em que se destacam o coudel-mor Fernão da Silveira e D. João de Meneses. Nêle figuram outros poetas com nomes supostos, como Nuno Gonçalves, Tarquínio, Macias, Juan de Mena e Juan Rodriguez de la Cámara, mas trata-se, como diz Gonçalves Guimarães, de uma fantasia do autor, ou autores. Segundo êste, de pp. 98 em diante da sua edição, os versos devem ser de D. João de Meneses; a 1.<sup>a</sup> parte, de pp. 5 a 97, teria sido organizada por Fernão da Silveira.

Temos outros exemplos de ficções semelhantes no mesmo *Cancioneiro*, como o do *Processo de Vasco Abul*, no qual interveio Gil Vicente. Estas composições colectivas não devem fazer-nos esquecer que o *Cancioneiro* é um agrupamento de individualidades submetidas às mais variadas influências. Vejamos algumas dessas individualidades:

DUARTE DE BRITO. É um poeta bilingue, de tristezas e quebrantos de amor. Sabe exprimir a sua *coita* com renovada intensidade, como até ali se não fizera. Recorre com atrevimento à metáfora, numa ânsia de dar voz ao inexprimível:

*Desmaio de meus amores,  
fim de minha triste vida,  
ó cruel, mortal ferida,  
ó chagas de minhas dores!  
Desejo desesperado  
de meu triste pensamento,  
galardam de meu tormento,  
lembrança de meu cuidado,  
etc.*

É de Duarte de Brito uma composição longa, escrita à maneira do *Fingimento de Amor* do poeta do *Cancioneiro*, Diogo Brandão, do *Infierno de Amor*, de Garci Sánchez de Badajoz, uma e outra imitações de *El Infierno de los Namorados*, do Marquês de Santillana. É portanto Duarte de Brito, ainda que por forma indirecta, um representante da influência de Dante em Portugal, da qual poderemos encontrar novos vestígios em D. João Manuel, na já citada composição de Diogo Brandão, em Luís Anriques (numa composição de *arte maior*), e em Anrique da Mota. A *visão infernal* em Duarte de Brito é cheia de reminiscências clássicas. Vê-se que estamos próximos do Renascimento. Mas este Poeta que assim anunciava a próxima cultura, também sabia exprimir com singeleza o mal de ausência, como outro Poeta do *Cancioneiro*, Francisco de Sousa, aquêle, porém, em composição de mais largo fôlego (V. adiante, n.º 11).

Duarte de Brito gosta de variar os ritmos e dá-nos,

por exemplo, combinações como esta, que anuncia Gil Vicente:

. . . . .  
*Ó morte tam piadosa,  
 onda cruel & imiga  
 sem ventura,  
 de meus males desejosa,  
 de meus pesares amiga,  
 com trestura.  
 Gram conforto meu tormento  
 com a morte tomaria  
 por acabar,  
 & meu triste pensamento  
 como eu descansaria  
 de suspirar.*

Esta bela combinação rítmica, tão aproveitada para a expressão da *dor* e da *angústia*, fôra consagrada na célebre elegia de Jorge Manrique:

*Recuerde el alma adormida,  
 avive el seso y despierte  
 contemplando  
 cómo se pasa la vida,  
 cómo se viene la muerte  
 tan callando.  
 Cuán presto se va el placer,  
 cómo después de acordado  
 da dolor,  
 cómo a nuestro parecer  
 cualquiera tiempo pasado  
 fué mejor...  
 Nuestras vidas son los rios  
 que van a dar en la mar,  
 que es el morir;  
 etc.*

Já antes, porém, Rodriguez de la Cámara ou del Padrón empregara o mesmo ritmo em *Los Siete Gozos de Amor*. No *Cancioneiro Geral* empregou-o um outro poeta bilingue de quem vamos falar: Luis Anriques.

LUIS ANRIQUES é um dos poetas mais variados do *Cancioneiro*. Temos d'ele cantigas e esparsas de gosto cortês e versos religiosos, como a canção em louvor de Nossa Senhora, na era de quinhentos e seis, estando o reino mui enfermo de peste e de fames, que adiante se publica (n.º VII). Note-se o emprêgo da linguagem sacra de mistura com a linguagem portugueza, tão do agrado de Gil Vicente, e de que encontramos já exemplo na cantiga n.º 1085 do *Cancioneiro da Vaticana*, de Ayras Peres Veytorom. De L. A. há no *Cancioneiro* uma glosa do *Pater Noster* que deve juntar-se às glosas mencionadas por Carolina Michaëlis s. v. *Pater Noster* na 4.ª Nota Vicentina. Do mesmo ficaram-nos algumas composições de *arte maior*, em oitavas, applicadas a narrativas históricas: à morte de D. João II, em portuguez (V. adiante, n.º VI); à ossada de D. João II, em castelhano; e, sobretudo, à conquista de Azamor, em 1513, pelo Duque D. Jaime, em 35 oitavas. Luis Anriques é poeta culto, como o provam aquelas oitavas em *arte maior*, e em castelhano, feitas a um homem que nam cria que elle fezera suas trovas d'arte maior, porque levavam muita poesia.

Pelos seus versos de *arte maior* Luis Anriques pertence à tendência épica, como Diogo Brandão e João Roiz de Sá. Luis Anriques empregou na *Lamentação à morte de D. João II* as palavras *Lusitânia* e *lusitanos* (V. n.º VI, vv. 10 e 73).

DIOGO BRANDÃO que nos appareceu emparceirado, 1.º a Duarte de Brito, e depois a Luis Anriques, o que dá a medida dos seus talentos, trouxe ao *Cancio-*

*neiro a nota petrarquista*, devendo entender-se por esta expressão a exaltação da vida solitária, refúgio do pensamento, como faz Petrarca:

*Solo e pensoso i più deserti campi  
Vo misurando a passi tardi e lenti:*

. . . . .

Devemos aproximar d'este gôsto de Petrarca os versos de Diogo Brandão *estando ausente de sua dama endereçados a Anrique de Sâ*:

*E aquesia dor presente  
que m'aqueixa,  
já mais viver nam me deixa  
antre gente.*

*E vou-me por esses montes  
desastrado suspirando,  
os meus olhos coma fontes  
vam chorando.  
Das lagrimas desmedidas,  
verdadeiras  
vam as águas das ribeiras  
mui crecidas.  
Etc.*

Merece lugar à parte, pela natureza da sua inspiração, Anrique da Mota.

ANRIQUE DA MOTA sabia, como todos, achar as rimas duma glosa de vilancete; mas o seu feitio era satirico, não duvidando mesmo em reforçar a critica com versos sagrados, preludiando assim a sátira gil-vicentina:

In die illa tremenda,  
 quando fôr o céu movido,  
 & o vinho falecido,  
 que nam achem quem no venda,  
 nem fiado nem à tenda;  
 Nem por fôrça nem per rôgo  
 domine michi defenda  
 de tam áspera emmenda,  
 ante me julgue per fogo.

. . . . .

Mas não é só neste aspecto que Anrique da Mota anuncia Gil Vicente; viu-o o Prof. Leite de Vasconcelos publicando a sua composição sôbre o alfaiate de D. Diogo, a quem furtaram um cruzado no Bombarral. Esta composição, que é um esbôço de farsa, dá-nos luzes sôbre o ambiente em que avultou o génio de Gil Vicente. Se a sátira pessoal tem, em Anrique da Mota, um dos seus melhores representantes, senão o melhor, a sátira social tem na longa poesia de Alvaro de Brito Pestana *em que dá maneira a Luis Fogaça, vereador na cidade de Lisboa, para os ares maus serem fora dela*, a sua mais alta expressão. Não fica longe dêle o poeta DUARTE DA GAMA (v. adiante n.º XI).

Não desejaria terminar êste breve exame a alguns aspectos do *Cancioneiro Geral*, sem me referir à *influência clássica*. Esta torna-se evidente em JOÃO ROIZ DE LUCENA e em JOÃO ROIZ DE SÁ DE MENESES.

Os poetas do *Cancioneiro* haviam nascido em *signo de latim*, como dizia o Conde de Vimioso a Aires Teles:

*Estudais & fugis de mi?  
 Sois latino.  
 Que quedas dá o ensino  
 do latim!*

*Traveis todo decorado  
o Metamorfoseos;  
cu trar-vos ei assombrado  
de rir de vós.  
Coitado, triste de ti,  
homem mofino!  
Que foste nacer em sino  
— de latin!*

Não admira, portanto, que dois de entre elles se tivessem dado ao trabalho de verter em verso portuguez algumas das *Heroides* de Ovidio, e ainda um epitáfio de Tibulo.

É possível que neste exemplo das grandes amantes clássicas, e que falavam, pela primeira vez, em portuguez, mais ainda do que nos *romances* ao mesmo assunto, GARCIA DE RESENDE se tenha inspirado para as suas trovas à morte de Inês de Castro. As trovas de Garcia de Resende não são uma epístola ao bem-amado, como aquelas, e como muitas outras que depois dela foram escritas, em verso ou em prosa, como as famosas cartas de Soror Mariana, de invenção franceza; mas são a narrativa dum amor funesto, pôsto na bôca da própria padecente. Tal como João Roiz de Lucena e João Roiz de Sá de Meneses, Garcia de Resende empregou a *décima*. Foi nas tragédias dos clássicos e dos humanistas que António Ferreira se inspirou para escrever a 1.<sup>a</sup> tragédia nacional. Talvez tenha vindo das epístolas vertidas pelos dois prê-renascentistas citados, a inspiração daquelas trovas, onde Garcia de Resende, antes de Camões, e com mais singelo artificio, soube transformar um julgamento de Estado num espantoso crime de amor (V. adiante n.º XVIII).

Estes versos, e os de JOÃO ROIZ DE CASTELO BRANCO — *cantiga sua partindo-se* (V. adiante n.º IX), se outros não houvesse, chegariam para afirmar a exis-

tência, no final do século xv, de uma alta tradição lírica, e para negar ao *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende exclusiva importância histórica e documental, como alguns têm pretendido, infundadamente.

2. O leitor das composições adiante transcritas precisa de familiarizar-se com um certo numero de noções, vulgares no século xv. Não temos infelizmente entre nós nenhum preceptista do tempo a que recorrer; mas Juan del Encina escreveu uma *Arte de Poesia Castellana* que tem para nós alguma utilidade. Chamava-se então *pé* ao que nós chamamos *verso*. O *verso* era um ajuntamento de *pés*. A *copla* podia constar de um só *verso*, se este se compunha de quatro a seis *pés*; e de dois *versos*, se ia além daquele numero. Assim, numa *copla* de oito *pés*, havia dois *versos* de quatro em quatro; numa *copla* de nove *pés*, um *verso* de cinco *pés*, e outro de quatro; etc. Não se usavam *coplas* de mais de doze *pés*, ou de dois *versos* de seis *pés*. Insisto neste principio, para não sermos, por exemplo, tentados a separar em *quintilhas*, uma *copla* de dois *versos* de cinco *pés*, como já têm feito editores de textos antigos. A independência de rima de cada um dos *versos*, não justifica a separação.

Em materia de *pés*, os castelhanos admitiam dois fundamentais: o *pé* chamado de *arte real* e o de *arte maior*. Juan del Encina dá dois exemplos de Juan de Mena. *Pé* de *arte real*: *Despues quel pintor del mundo*; *pé* de *arte maior*: *Al muy prepotente Don Juan el segundo*. Aos *pés* do primeiro tipo chamamos nós de *redondilha maior*; conservamos o nome de *pés* de *arte maior* para os do segundo tipo. «El arte mayor — dizia Encina — es mas propio para cosas graues y arduas».

Além das composições em séries de *coplas* (são as *trovas* do nosso *Cancioneiro*), há os pequenos generos, mais pròpriamente cortesãos, formados por um *note*

(ou *moto*), *vilancete*, ou *cantiga* e respectiva *glosa* (ou *grosa*), havendo entre as duas partes dependência rimática, mais ou menos acentuada (1).

A êste respeito Juan del Encina é mais confuso; e os exemplos do *Cancioneiro* revelam hesitações de terminologia. Em princípio, o *moto* constava de um ou de dois *pés*; o *vilancete* (a que os espanhóis chamavam *villancico*) constava de dois ou três *pés*; a *cantiga*, de quatro ou cinco, em regra; mas, às vezes, de três apenas.

A *esparsa*, de origem provençal, era uma pequena composição de variável número de *pés*: de oito a dezasseis.

Para terminar, uma palavra a respeito da presente colectânea. Esta foi feita sobre a edição *fac-similada* de Huntington (adiante designada pela letra H). A cópia dos textos, e as modernizações nêles introduzidas, foram realizadas, sob minha direcção, pelo meu antigo aluno, Sr. António de Matos Simões, que se houve na sua tarefa com o máximo escrúpulo e diligência.

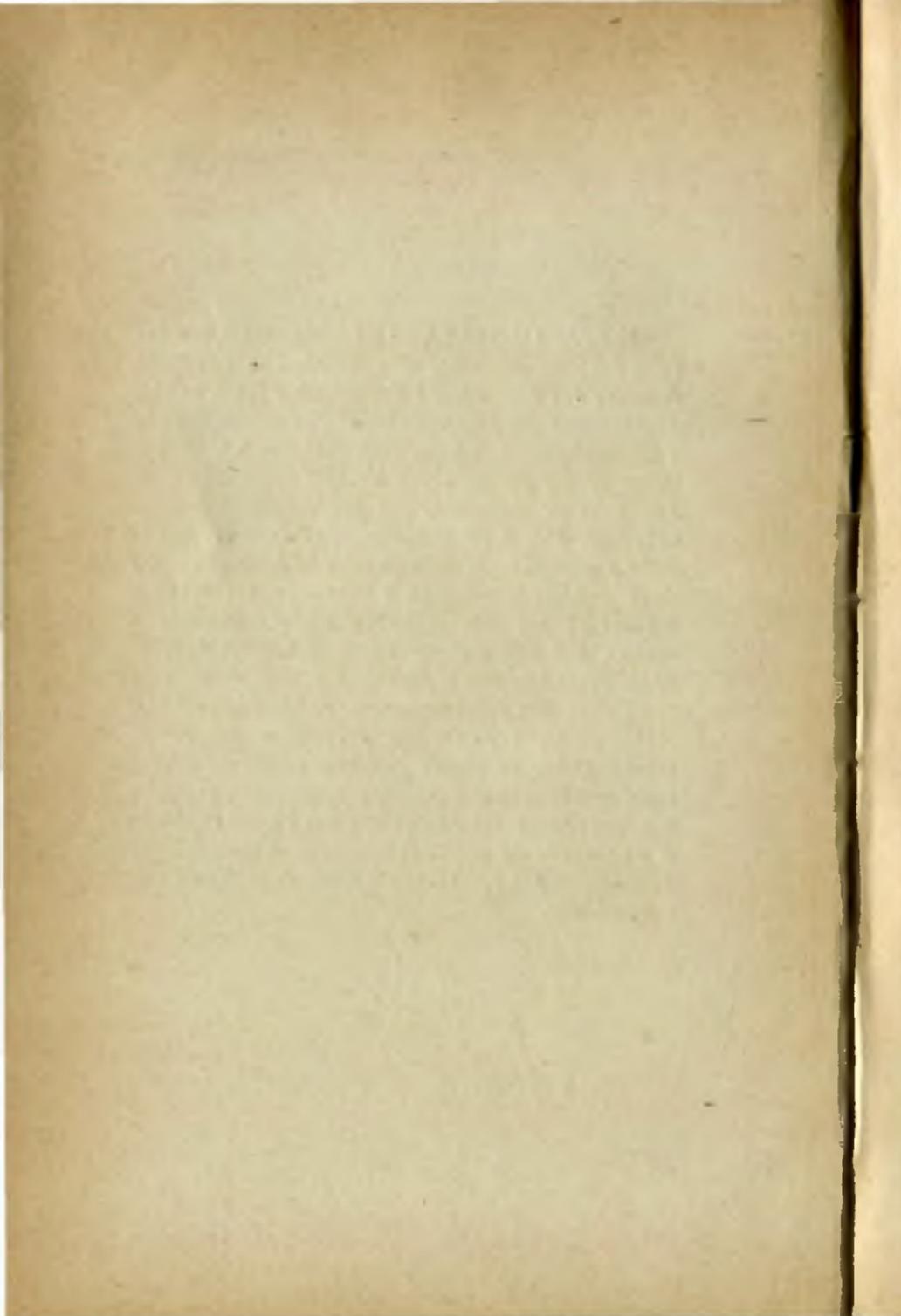
Embora não tenha procurado eliminar o meu gosto pessoal na selecção das poesias, devo acrescentar que não foi com êsse exclusivo critério que procedi. Não pretendi dar a conhecer ao leitor o meu *gosto*, nem fazer literatura *viva*, como agora se diz; eu quis apenas mostrar-lhe (tanto quanto é possível fazê-lo em duzia e meia de composições), o *gosto* da epoca, por me parecer que era isso o essencial; e pena tenho de ter sido forçado a excluir algumas composições importantes, devido à sua extensão. Muita coisa que nos parece hoje *caduca*, era então *viva*; se o não fôsse, não teria sido incluída por Garcia de Resende. Como eliminar, por exemplo,

(1) Deve o leitor analisar esta dependência nas composições da nossa colectânea.

numa colectânea destas, as composições de *arte maior*? Como hesitar em dar a conhecer os ensaios dramáticos prè-gilvicentinos, ainda que elles pouco valham ao pé do teatro do Mestre?

Creio que dou uma ideia sufficiente, embora incompleta, do precioso recheio do *Cancioneiro Geral*, que na edição de Gonçalves Guimarães se compõe de CINCO volumes. Para tanto, tive de fazer alguns sacrificios de *gôsto*; mas julgo que o leitor não ficará, por êsse motivo, prejudicado.

NOTA IMPORTANTE:— *As modificações introduzidas no texto, não afectam a estrutura fonética dos vocábulos. Eliminámos o y, o h inicial de palavras que hoje o não conservam, como he (è), e as duplicações inúteis. Substituímos o c' com o valor de qu' por este simbolo, nos casos evidentes. Em caso de dúvida deu-se preferência à grafia original. Dai o mantermos grafias como omildade e sojeiçam. Mesmo quando há hesitação entre duas grafias — príncipe e princepe, memorea e memoria; ha, am e ham; etc. — conservámos ambas, por nos parecer inútil a uniformização. Manteve-se também a final — am, mas escreveu-se — ão onde esta forma aparece (por ex.: I,17 e I,71). Acentuámos, segundo os princípios em vigor, introduzimos os sinais gráficos indispensáveis a uma boa leitura dos textos, e pontuámos, segundo o nosso critério. À margem, entre [ ], vai indicada a paginação da edição facsimilada, à qual o leitor poderá sempre recorrer, em caso de dúvida ou de curiosidade.*



## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

### Biografia

Biografia de Garcia de Resende em *Critica e História* de Anselmo Braamcamp Freire (pp. 29 a 70), vol. 1, Lisboa, 1910.

### Textos

Em 1904 Archer M. Huntington publicou uma edição do *Cancioneiro Geral* em *fac-simile*. Na falta desta, pode ler-se a edição de Gonçalves Guimarães (Imprensa da Universidade, 1910-1917), em 5 vols., que, não sendo impecável, é bastante boa.

### Crítica

- O melhor trabalho sobre o *Cancioneiro* e o de Jole Ruggieri, *Il Canzoniere di Resende*, Genève, 1931.
- De Rodrigues Lapa leia-se em *Lições de Literatura Portuguesa*, as pp. 315-339 (BIBLIOGRAFIA desenvolvida no fim do capítulo);
- De Teófilo Braga, o vol. *Poetas Palacianos*;
- De Fidelino de Figueiredo o artigo publicado no vol. 1 da *Hist. da Literatura Portuguesa Ilustrada*, pp. 228-244.

### Música

Sobre a parte musical, alguns dados, infelizmente poucos para este *Cancioneiro*, pode o leitor colher no monumental trabalho de Manuel Joaquim *O Cancioneiro musical e poético da B. Públia Hortênsia* (1940).

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
PRESS  
CHICAGO, ILLINOIS  
1963

*Prólogo de Garcia de Resende, deregido  
ao príncipe nosso Senhor.*

Muito alto e muito poderoso príncipe nosso  
Senhor:

Porque a natural condiçam dos portuguezes é nunca 5  
escreverem cousa que façam, sendo dinas de grande  
memória, muitos e mui grandes feitos de guerra, paz e  
vertudes de ciência, manhas e gentileza, sam esqueci-  
dos. Que, se os escritores se quisessem acupar a ver- 10  
dadeiramente escrever nos feitos de Roma, Tróia, e  
tôdas outras antigas crónicas e estórias, nam achariam  
mores façanhas, nem mais notáveis feitos, que os que  
dos nossos naturais se podiam escrever, assi dos tempos  
passados como d'agora.

Tantos reinos e senhorios, cidades, vilas, castelos — 15  
per mar e per terra tantas mil léguas — per fôrça  
d'armas tomados, sendo tanta a multidão de gente dos  
contrairos e tam pouca a dos nossos, sustidos com  
tantos trabalhos, guerras, fomes e cercos, tam longe  
d'esperança de ser socorridos; senhoreando per fôrça 20  
d'armas tanta parte de África, tendo tantas cidades,  
vilas e fortalezas tomadas, e continuamente guerra sem  
nunca cessar; e assi Guiné, sendo muitos reis grandes  
e grandes senhores seus vassallos e trebutários; e muita 25  
parte de Etiópia, Arábia, Pérsia e Índias, onde tantos  
reis mouros e gentios, e grandes senhores, sam per  
fôrça feitos seus súditos e servidores, pagando-lhe  
grandes páreas e trebutos, e muitos destes pelejando  
por nós debaixo da bandeira de Cristos, com os nossos 30  
capitães, contra os seus naturais; conquistando quatro

mil léguas por mar, que nenhûas armadas do Soldam  
 nem outro nenhum gram rei nem senhor nom ousam  
 navegar com medo das nossas, perdendo seus tratos,  
 rendas e vidas; tornando tantos reinos e senhorios com  
 35 inumerável gente à fé de Jesu-Cristo, recebendo água  
 do santo bautismo; e outras notáveis cousas que se  
 nam podem em pouco escrever! Todos êstes feitos, e  
 outros muitos d'outras sustâncias, nam sam divulgados  
 como foram se gente d'outra naçam os fizera. E causa  
 40 isto serem tam confiados de si que nam querem con-  
 fessar que nenhuns feitos sam maiores que os que cada  
 um faz e faria se o nisso metessem.

E por esta mesma causa, muito alto e poderoso  
 príncepe, muitas cousas de folgar e gentilezas sam per-  
 45 didas sem haver delas notícia, no qual conto entra a  
 arte de trovar, que em todo tempo foi mui estimada, e  
 com ela Nosso-Senhor louvado, como nos hinos e cân-  
 ticos que na Santa Igreja se cantam se verá. E assi  
 muitos emperadores, reis e pessoas de memória, polos  
 50 rimances e trovas sabemos suas estórias. E nas côrtes  
 dos grandes príncepes é mui necessária na gentileza,  
 amores, justas e momos, e também para os que maus  
 trajos e envenções fazem — per trovas sam castigados  
 e lhe dam suas emendas, como no livro ao diante se  
 55 verá. E se as que sam perdidas dos nossos passados se  
 puderam aver, e dos presentes s'escreveram, creio que  
 êsses grandes poetas, que per tantas partes sam espa-  
 lhados, nam tiveram tanta fama como têm.

E porque, Senhor, as outras cousas sam em si tam  
 60 grandes que por sua grandeza e meu fraco entender  
 nam devo de tocar nelas, nesta, que é a somenos, por  
 em algũa parte satisfazer ao desejo que sempre tive de  
 fazer algũa cousa em que Vossa Alteza fôsse servido e  
 tomasse desenfadamento, determinei ajuntar algũas  
 65 obras que pude aver d'alguns passados e presentes, e  
 ordenar êste livro, nam pera por elas mostrar quais  
 foram e sam, mas para os que mais sabem s'espertarem  
 a folgar d'escrever e trazer à memória os outros gran-  
 des feitos, nos quais nam sam dino de meter a mão.

II

*Duarte de Brito, partindo de Santarém*

Ó campos de Santarém, [XII, v.º]  
col. 2]  
lembranças tristes de mim,  
onde começou sem fim,  
desesperança sem bem!  
5 Ó gram beldade, por quem  
levo chea a memórea,  
com tal cuidado que tem  
a morte volta com grórea!

Ó vida desesperada  
10 de dores e sentimentos!  
O' lembrança de tormentos  
qu'em pesares és tornada!  
O' ventura malfadada,  
[col. 3]  
cabo de tôda crueza!  
15 O' memória retrocada  
em dor de minlia tristeza!

Ó desejo sem folgança,  
tristura de meu folgar!  
O' querer de meu pesar,  
20 de meu descanso tardança,  
de meus cuidados lembrança,  
do meu coraçam cadea!  
O' vida sem esperança,  
de tristezas tôda chea!

25 Ó coraçam lastimado  
cujo mal nunca se sente,  
que tam longe és presente  
de quem és tam apartado,

---

7-8. Com tal cuidado que temja morte volta com grórea, i. é, com prazer e tristeza à mistura; 17. Folgança: prazer.

30 que te presta ser lembrado  
de quem sempre desejar  
faz de fôrça teu cuidado  
de vontade com chorar?

Como aquêlê que sentindo  
vai a morte quando vem,  
35 que demonstra o mal que tem  
com gram dor e descobrindo,  
assi eu, de vós partindo,  
;desejo de minha vida!  
vejo vir após mim vindo  
40 a morte que me convida.

Polas mui ásperas vias  
de tristezas caminhando,  
vi meu mal meu bem matando,  
dar fim minhas alegrias.  
45 Tôdas minhas fantesias,  
minhas penas refrescando,  
o triste fim de meus dias  
sem vos ver mo vam mostrando.

Vi as serras descobertas  
50 de meus males com tresturas,  
vi tôdas minhas folguras  
de tristeza ser cobertas.  
D'esperança vi desertas  
minhas gróreas sem vitorea,  
55 com suspiros mui espertas  
as lembranças da memória.

Vi meu triste pensamento  
d'esperar desesperado,  
com suspiros meu cuidado,  
60 com lágrimas meu tormento.  
Meu raivoso sentimento  
que, calando, encobria,

[ XLII, 1  
col. 1 ]

---

29-30. A idéia parece ser esta: *de nada presta ao coração ser lembrado de quem não pode, com suas lágrimas, deixar de desejar seu cuidado.* 45-46. Curiosa imagem: *refrescar as penas* — trazê-las, pela imaginação, a seu primitivo riço; 51. *Folguas*: folgações. 61. *Raivoso*: desesperado.

mil vezes, com desalento,  
meu chorar o descobria.

- 65 Polas mui grandes montanhas,  
caminho de meu pesar,  
nam cessando caminhar  
com dor de dores tamanhas,  
70 tôdas minhas entradanhas  
sem fogo s'iam queimando;  
e nas terras mui estranhas  
a morte ando buscando.

- Com lágrimas de trestura  
de minhas coitas raivosas,  
75 vi as frores e as rosas  
perder tôdas sas frescuras.  
Os campos com as verduras,  
com as sombras graciosas,  
se tornavam amarguras  
80 de mil raivas espantosas.

- Por ver morrer meus espantos  
feras bêstas me seguiam,  
e os matos reteniam  
com as vozes de seus prantos.  
85 Davam aves gritos tantos,  
minhas querelas dobravam,  
onde todos meus quebrantos  
em lágrimas se banhavam.

- Meu caminho se seguia,  
90 minha dor nunca minguava,  
minha pena s'esforçava  
contra mim mais cada dia.  
Com meus cabelos cobria  
a mim todo com pesar;  
95 em ver-me sem vós me via  
mais de vontade chorar.

63. **H** *desalento*; 74. *Colla*: pena, mágoa; 80. *Raivas*: desesperos; 81. *Por está por para*; 83. **H** *mulas*, 86. *Querelas*: queixas.

Com meu mal assi andando,  
 de me ver assi perdido,  
 como cousa sem sentido  
 100 andava sempre chorando.  
 A morte menosprezando, [col. 2]  
 mais que vida desejava;  
 meu desejo vigiando,  
 suspirar me confortava.

105 Assi me levando ventura,  
 com desatino, perdido,  
 neste caminho vestido,  
 coberto, de gram trestura,  
 meu chorar com amargura,  
 110 com voz triste, mui cansada,  
 chorarei enquanto dura  
 minha cativa jornada.

Fim

Pois que meu bem como vento  
 traspassando assi por mim,  
 115 e meu mal dura sem fim  
 em meu triste pensamento,  
 a memorea por tormento  
 ficará desta lembrança  
 em mim, triste, porque sento  
 120 ser meu mal sem esperança.

---

114. *Traspassando*: passando através.

## III

[*Cantiga*] de Jorge d' Aguiar [LXV, r]  
col. 3

Coraçam, já repousavas,  
já nam tinhas sojeiçam,  
já vivias, já folgavas;  
pois porque te sojigavas  
5 outra vez, meu coraçam?

Sofre, pois te nam sofreste  
na vida que já vivias;  
sofre, pois te tu perdeste;  
sofre, pois nam conheceste  
10 como t'outra vez perdias!

Sofre, pois já livre estavas  
e quiseste sojeiçam;  
sofre, pois te nam lembravas  
das dores de qu'escapavas;  
15 sofre, sofre, coraçam!

[LXV, v]  
col. 1

---

6. *Pois te nam sofreste*: pois não te suportaste, ou contiveste.

## IV

*Vilancete do Conde de Vimioso* [LXXXV, v]  
col. 2

Meu bem, sem vos ver,  
se vivo um dia,  
viver nam queria.

Caland'e sofrendo  
5 meu mal sem medida,  
mil mortes na vida  
sinto, nam vos vendo.  
E pois que, vivendo,  
moiro todavia  
10 viver nam queria.

*Outra [cantiga] sua.*

A vida, sem ver-vos,  
é dor e cuidado  
que sinto dobrado  
querend'esquecer-vos ;  
15 porque, sem querer-vos,  
já nam poderia  
viver um só dia.

[col. 3]

Já tanta paixam  
valer nam pudera  
20 se vos nam tivera  
em meu coraçam ;  
sem tal defensam,  
meu bem, um só dia  
viver nam queria.

V

*Trovas que fez Diogo Brandam e um  
seu amigo, partindo ambos donde esta-  
vam suas damas, que eram também  
amigas e moravam ambas em ùa casa.* [XCIIII, 1  
col. 1]

Foram as nossas jornadas,  
depois de sermos partidos,  
muito passo caminhadas  
e mui rijo suspiradas,  
5 com gemidos.

Fomos o primeiro dia  
sem nos podermos falar,  
nosso gram mal o fazia  
e também no-lo tolhia  
10 o chorar.

Recobrámo'los sentidos  
sendo já noite fechada,  
assi chegámos perdidos,  
com nossos nojos crecidos,  
15 à pousada.

A cear nos assentámos,  
tam tristes como partimos:  
do comer pouco gostámos;  
nũa cama nos lançámos,  
20 sem dormirmos.

Outro dia, levantados,  
com nossos males contentes,  
com lembrança dos passados  
nos doíam mais dobrados  
25 os presentes.

---

3. *Muito passo* ou *muito passamente*: muito devagar; 4. *Mui rijo*: com muita força; 11. **H** *Recobramolos*; 14. *Nojos*: tristezas; 21. *Outro*: ao outro.

Tamanhas dores causavam  
 que é impossível dizê-las;  
 os remédeos que nos davam  
 muito mais nos renovavam  
 30 as querelas.

Mais nos matava lembrança  
 que o tempo que fazia;  
 nossa pouca confiança  
 nam nos dava esperança  
 35 d'alegria.

Feriam como cuitelos [col. 2]  
 nossos males mui inteiros,  
 os suspiros, nom singelos,  
 dobravam como martelos  
 40 de ferreiros.

Tôda cousa de prazer  
 era pera nós tristeza,  
 e com êste tal viver  
 crecia nosso querer  
 45 com firmeza.

Já queixar-nos nam queremos  
 de nossa costolaçam,  
 pois pola causa devemos  
 de sofrer êstes extremos  
 50 com razam.

Os receos mais creciam,  
 as suspeitas nom mingravam,  
 e todos quantos nos viam  
 muito de nos se dofam  
 55 e magoavam,  
 porque craro conheciam,  
 polos de fora sinais,  
 as que de dentro jaziam  
 dores que nos perseguiam,  
 60 desiguais.

---

30. *Querelas*: queixas; 47. *Costolaçam*: sigao, estrêla; 56. *Craro*: claramente; 57. *Polos de fora sinais*: pelos sinais de fora; 58-59. *As que de dentro jaziam*/dores: as dores que jaziam de dentro.

Fug(a)mos de povorados,  
da vida mui pouco certos;  
folgámos desesperados  
com caminhos nom usados  
65 e desertos.

Nosso triste pensamento  
ali nunca repousava;  
nam sei como tal tormento  
e tamanho sentimento  
70 nam matava.

Mas, pois desta pena tal  
nam morremos à partida,  
é muito certo sinal  
guardar-se pera mais mal  
75 nossa vida.

Mas nam sei que pode vir  
já pior do qu'ê passado.  
Oh, que cousa de sentir  
aver homem de partir,  
80 namorado!

Fim

[col. 3]

E foram daquesta sorte  
as jornadas fenecendo;  
fôra cousa menos forte  
acabá-las já com morte  
85 que vivendo:  
— Senti já o que sentimos  
por tamanho bein querermos;  
piedade vos pidimos  
pois que tantas penas vimos  
90 por vos vermos!

65. H Fogyamos; 85. Que vivendo: do que vivendo; 86. Senti é imperativo.

## VI

*Lamentação à morte d'El-Rei Dom Joam que  
santa grória haja, feita per  
Luís Anriques.* [XCVIII, v]  
[II-col. 1]

Chorai, portuguezes, o tam virtuoso  
rei Dom Joam o segundo que vistes;  
tornai-vos de ledos a ser muito tristes,  
pois de vós outros partiu desejoso.  
5 Nô menos vos lembre o mui animoso  
príncipe filho daqueste defunto.  
— Sas mortes e perdas chorai tudo junto! —  
Nô menos sa madre do triste repouso.

Oh, morte cruel, sem tempo chegada  
10 a ti, Lusitânia, de lástima dina!  
Oh, triste fortuna qu'assi nos assina  
vestidos de xerga, vida lastimada!  
Oh, pátria triste de males fadada,  
chorem-nos tristes de ti naturais,  
15 pois de tristezas tem tantas e tais [II-col. 2]  
que delas qualquer grand'era chamada!

Chorai pola morte do vosso bom rei,  
chorai a partida de suas vertudes,  
chorai todos êsses que nom fordes rudes  
20 o gram pelicano da lei e da grei!  
O' vós, seus criados, chorai como sei  
o que vos avia por filhos a todos,  
chorai vós aquêle qu'acima dos godos  
era tam certo com' é nossa lei!

25 Ó morte, que matas sem tempo e sazam,  
sem ordem nem lei te governas, e fazes

5, 8 e 39. *Nô mais*: nom mais. Cf. o v. de Camões: *No mais, Canção, no mais...*; 11. *Assina*: atribuí; 12. *Xerga*: espécie de burel; 14. *N naturais*; 15. *N Mes*; 25. *Sazam*: tempo propicio, ensejo.

sem grandes caudilhos ficar muitas azes,  
e deixas a muitos qu'obriga razam!  
E' tua enorme desassuluçam  
30 assi adversária à umana gente?  
— Assi o que pecca, com' o innocente,  
a todos trestornas segun conviram:

O mauno Alexandre do mundo senhor [XCIX, 1]  
levaste no tempo que mais frorescia; [ col. 1 ]  
35 e, cando em vertudes mais permanecia,  
o mui esforçado troiano Eitor;  
o forte Troilos com seu matador,  
Pares e Febos e El-Rei Menom;  
nô menos a Pirros e Agamenom  
40 que dos greceanos foi emperador.

E assi t'aprouve, a todos pesando,  
levar-nos a perla do príncepe Afonso  
— leixou-nos gram dor o triste responso  
que em suas honras ouvimos cantando —  
45 o que s'esperava que fôsse imperando,  
tam moço de dias, tam velho em saber:  
fizeste-nos órfãos assi de prazer  
que nossa tristeza mais crece lembrando.

E nom acabados seriam cinc'anos  
50 quando tu, triste, cruel e tragoa,  
levaste seu padre qu'a fama pregoa  
passar em vertudes os bravos romanos,  
e guerras ferozes com os africanos  
fazer, e suster em paz seu reinado.  
55 Leixou-nos sa morte gram dor e cuidado,  
vestindo-nos todos de mui tristes panos.

---

27. *Azes*: alas (de exercito); 29. *Desassuluçam*: deve estar por *desassolação*; 32. *M segun conviram*. A lição adoptada no texto parece-nos preferível a estoutra: *segund' ouviram*; 36-40. *Eitor*, *Troilos* (*Troïlo*), «o seu matador» (*Aquiles*), *Pares* (*Páris*), o deus *Febos* (*Fébo*), *Menom* (*Mênmon*), *Pirros* (*Pirro*), *Agamenon* (*Agamémnon*): personagens mitológicas da guerra de Troia; 40. *Greceanos*: gregos; 47. *Fizeste-nos órfãos assi de prazer*: assi (= de tal modo) nos fizeste órfãos de prazer que... etc.

Mas, como e quando aquêlê Deus imenso  
 premite que va de bem em melhor  
 reinos e casos daqueste teor,  
 60 assi nos deixou outro que, acenso  
 de muitas vertudes — as quais por istenso  
 se nom poderiam aqui expressar —,  
 que aja o reino d'erdar e reinar,  
 per muitos anos, sem nenhum dicensô.

65 Êst' é o mui alto e mui perflugente,  
 mui sereníssimo, rei e senhor  
 Dom Manuel, de tanto louvor,  
 a quem em vertudes Deus sempre acrecente!  
 Êst'ê o filho do mui eicelente  
 70 Infante Fernando da crara memória,  
 é o bisneto do rei que vitórea  
 ouve per vezes de mui prepotente.

Fim.

[col. 2]

Assi, lusitanos, que vossa graveza  
 devês confortar com rei tam humano,  
 75 — em sua bondade trespassa Trajano  
 e outro Alexandre em grande franqueza —  
 roguemos a Deus por Sua Alteza  
 e polas almas do filho e padre,  
 também pola vida da mulher e madre  
 80 dos que sam causa de nossa tristeza!

---

68. *H acrecentê*; 70. *Crara*: ilustre; 71. *E o bisneto...* etc.: D. Manuel por seu pai era neto do rei D. Duarte e, por sua mãe, neto do Infante D. Joao, irmão de D. Duarte, bisneto, portanto, de D. João I; 72. *ouve*: houve; *prepotente*: poderoso; 73. *graveza*: infelicidade, tristeza; 75. *Trespassa*: ultrapassã; 75-76. *Trajano e Alexandre*: tanto o imperador romano como o rei da Macedonia alcançaram grandes vitórias no Oriente; recorde-se o verso de Camões: *Cale-se de Alexandro e de Trajano...*; 79. *Mulher e madre*: D. Leonor, viúva de D. João II e mãe de D. Afonso, o príncipe recordado nestas oitavas.

VII

*De Luis Anriques em louvor de Nossa-Senhora, sobre «Ave Maris Stella», na era de quinhentos e seis, estando o reino mui enfermo de peste e de fames.* [ XCIX, v ]  
[ col. 2 ]

*Maris Stella*, Deus te salve,  
madre de Deus tanto santa,  
que Sempre-Virgem te canta  
a Igreja mui suave.

- 5 O' tam bem-aventurada  
Porta do céu, *Mater pia*  
*ante saecula* criada,  
em teus louvores me guia.

- Tu, tomante aquêle *Ave* [ C, r ]  
10 por bôca de Gabriel, [ col. 1 ]  
concebeste Emanuel  
per mensagem tanto grave.  
Funda-nos em paz, Senhora,  
pois mudast'o nome d'Eva.  
15 Todo pecador s'atreva  
pedir graça qu'em ti mora.

- Tir'as presões os culpados,  
ôs cegos dá craridade,  
destrui [os] nossos pecados  
20 por tua gram piadade.  
Nossos males de nós lança,  
dá-nos bens espirituais,  
roga polos temporais  
segundo tua ordenança.

9. *Tomante*: versão de *sumens*. As formas em *-ns* tiveram na linguagem arcaica grande vitalidade e vários emprêgos sintaticos. Aqui vale um simples gerúndio: *tomundo*; 14. **H** *mudaste o*; 18. **H** *das*; 18. *Craridade*: claridade, luz do entendimento.

- 25 Amostra-te seres Madre,  
 receba os rogos per ti  
 Quem carne tomou de ti  
 e sé à destra do Padre;  
 e pois que por nós nacido  
 30 teu filho Lhe prouve ser,  
 salvar-nos de padecer  
 Lhe seja per ti pidido.

- Virgo singularis*, mansa  
 mais que tódalas nacidas,  
 35 a ira do Padre amansa,  
 nam pereçam tantas vidas;  
 e sendo nós desatados  
 de culpas e de maldade,  
 em mansidões e castidade  
 40 nos tem, Madre, conservados.

Dá-nos vida limpa, e puro  
 caminho, per onde vamos;

---

vv. 1-3	[ Ave, Maris Stella, Dei mater alma
vv. 5-6	[ atque semper Virgo felix caeli porta.
vv. 9-10	[ Sumens illud Ave Gabrielis ore,
vv. 13-14	[ funda nos in pacc, mutans Evie nomen.
vv. 17-18	[ Solve vincla reis, profer lumen caecis,
vv. 21-23	[ mala nostra pelle, bona cuucta posce.
vv. 25-26	[ Monstra te esse Matrem, sumat per te preces
vv. 29-39	[ Qui pro nobis natus tulit esse tuus.
vv. 33-34	[ Virgo singularis inter omnes mitis,
vv. 37-40	[ nos culpis solutos mites fac et castos.

25. *Amostra-te seres Madre*: prova, pelos teus actos, que és Mãe; 26. *M recobe*; 27. *Tódalas*: tódas as; 28. *Sé* (em *M*: *see*): está sentado.

aparelha-nos seguro  
 este ser que desejamos,  
 45 por tal que, vendo a Jesu,  
 com Ele nos alegremos,  
 o qual bem nam merecemos  
 se o nam alcanças Tu.

Ó Padre por eicelência  
 50 louvor, a Cristo vitória,  
 ó Espírito-Santo grórea,  
 três em um Deus por essência. [col. 2]  
 Graças a Nossa-Senhora  
 que tanto bem mereceu  
 55 e o Padre a escolheu  
 pera nossa intercessora.

Fim

Por tua grande cremência,  
 ó Rainha-angelical,  
 pid'ao Rei celestial  
 60 qu'alevante a pestelência  
 e fames de Portugal.

vv. 41-42 | Vitam praesta puram,  
 iter para tutum,

vv. 45-46 | ut videntes Jesum  
 semper collemur.

vv. 40-52 [ Sit laus Deo Patri,  
 Summo Christo decus,  
 Spiritui Sancto  
 tribus honor unus.

43-44. *Aparelha-nos seguro este ser...*: dá-nos a força de resistirmos a todas as tentações; 45. *Por tal*: por tal modo; **H** *jhũ*; 49. *O'*: au; 60. *Pestelência*: peste.

## VIII

*Trovas que mandou Joam Roiz de Castel' Branco a Antam da Fonseca, comendador de Rosmanihal, a Alcaer-Seguer, em reposta d'outras.* [CVI, v]  
[est. 3]

Porque sempre em vos servir  
desejo ser acupado,  
quis tomar este cuidado  
para vos dar em que rir;  
5 porque nam posso fugir  
do que quere meu coraçam,  
que vos tem tal afeiçam  
que nam vos pode mentir.

As trovas que me mandastes  
10 vos tenho muito em mercê,  
porque vos dou minha fé  
que bem as metreficastes.  
Dos mouros que lá matastes  
vos tenho muita enveja,  
15 e levo grória sobeja  
da grand'onra que ganhastes.

E pois que, senhor, de lá  
me fazeis mercê de novas,  
quero nestas minhas trovas  
20 dar-vos algũa de cá:  
E a primeira será  
contar-vos de nossa vida,  
e assi de quam perdida  
a terra sem vós está.

25 Vós lá quebrantais as raias  
e as tranqueiras dos mouros,

---

4. *Em que rir*: com que rir; 15. *Grória*: ufanía, grande orgulho; 25. *Quebrantar*: ultrapassar; 26. *Tranqueiras*: estacada para cerco ou fortificação, trincheiras.

e nós cá corremos touros  
 e fazemos grandes maias;  
 nam curamos d'azagaias  
 30 nem d'armas muito luzidas,  
 mas gastamos nossas vidas  
 em capas, gibões e saias.

Entrastes em Tetuam  
 como gentis cavaleiros,  
 35 esforçados e guerreiros,  
 mais fortes que Cepiam;  
 nós cá temos o veram  
 em logeas frias, sem calma,  
 sem buscar sombra de palma  
 40 nem favor do capitam.

[CVII, 1]  
 col. 1]

Andamos muito seguros  
 pola vila e fora dela,  
 nam vemos rolda nem vela  
 nem baluartes nem muros.  
 45 Somos mais moles que duros  
 pola froxeza da terra,  
 com ninguém nam temos guerra  
 senam só com vinhos puros.

Item mais, jogamos canas  
 50 dous por dous, e três por três,  
 de duas em três somanas,  
 às vezes de mês em mês.  
 Outras horas, que nos pés,  
 pola terra estar mui só,  
 55 falamos c'os que, por dó,  
 poem a saia ao revés.

28. *Maias*: antigas festas populares à chegada da primavera (descritas por Herculano no cap.<sup>o</sup> IV do *Monge de Cister*). Uma postura da Câmara de Lisboa, de 1385, proibia, entre outras coisas, que se cantassem as *jansiras e maias* (V. *Lisboa antiga*, de Júlio de Castilho, vol. XII, 2.<sup>a</sup> ed. p. 89). O texto revela-nos que, a despeito das posturas, a tradição mantinha-se; 38. *Logeas*: casas térreas; 43. *Rolda*: ronda; *vela*: sentinela; 46. *Froxesa*: brandura, suavidade; 49. *Item mais, jogamos canas*: o *jôgo das canas*, já recomendado por D. Duarte, foi muito cultivado em Portugal durante os séculos XV, XVI e XVII. Sobre este jôgo de cavaleiros, veja-se *Um ano na corte* de João de Andrade Côrvo, e Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, t. III, p. 291; 53. *Que nos pés*: o mesmo que *em que nos pés* (= ainda que nos peso); 55. *Por dó*: por luto.

Nam temos cá montaria  
de porcos nem de liam,  
mas caça de gaviã, 60  
e às vezes pescaria.  
Tôda nossa fantasia  
está posta em folgar,  
e às vezes em ganhar  
em qualquer mercadoria.

65 Andamos algúas vezes  
aos touros [e] a cavalo,  
somos de vós o pam ralo,  
de vossas doçuras, fezes.  
Nam temos ricos jaezes  
70 nem arreos esmaltados;  
mas temos alguns dourados,  
outros negros como pezes.

Começamos de criar  
gaviães par'ò inverno;  
75 paraíso nem inferno  
nunca nos pode lembrar.  
Boiz de perdizes um par  
vos está aparelhado,  
o cipreste tem jurado  
80 que vo-las ha-d'espantar.

E o de que mais me pesa,  
dessa vossa frontaria,  
que vossa carniçaria,  
nom farta nenhúa mesa;  
85 nam sei se vos é defesa  
polos imigos da fé,  
se se defende porque  
tendes guerra tam acesa.

[col. 2]

---

67. *Pão ralo*: pão de rala, ou *ralado* (como se diz em certas regiões), i. é, pão de farinha grossa, portanto, mais ordinário; 72. *Pezes*: pl. de *pez*; 75. Note-se a supressão de *nem* antes de *paraíso*; 77. *H Bãya*; 83. *Que*: é que; 87. *Defender*: proibir.

Porém, se se bem olhar,  
 90 nom vos deve dar paixam,  
 que, como tiverdes pam,  
 o al se pod'escusar;  
 porque a ordem melitar  
 nam requere gram fartura  
 95 — qu'às vezes tolhe soltura  
 o tempo de pelejar.

Das perras em que falais  
 Dai-as ò demo por suas;  
 quanto mais seguís as ruas  
 100 menos galardam levais.  
 Bem sei já que me tomais  
 nisto que quero dizer:  
 com quem s'am-de correger  
 se mostram esquecer mais.

105 Se com elas nos topamos,  
 levam tam fortes bocados  
 que, quando mais pelejamos,  
 somos mais desbaratados;  
 nom por serem apertados  
 110 nem mui rijos de romper,  
 mas aturam o correr  
 que nos vencem de cansados.

É assi que nos tornamos,  
 o mais de nós i[m]potentes,  
 115 porqu'eles sam tam valentes  
 que por vencidos nos damos;

---

91. *Como*: desde que; 92. *O al*: o restante; 95. *Soltura*: excessos, desmandos. Note-se o tom ironico da observação; 97-120. Não é claro o sentido das estrofes que seguem, e disso mesmo tem consciência o autor que diz mais adiante (121-124) ser demasia da sua parte o que se lala: *uravia* (= linguagem obscura) com quem a ensina. *Aou perros*, ou mouros (V. *Lusiadas* III, 48-5), contrapõe o Autor como *inigos* (Veja v. 128), as *perras*; 101. *Tomais* talvez esteja por *tornais*; 103. *Correger*: emendar; 109. A partir d'este *pé* a concordância faz-se, não com «perras», mas com «inigos»; 109. *Apertados*: afincados, pertinazes, persistentes no esforço; *rijos de romper*: difficéis de derrotar; 112. *Que*: de modo que.

e tal que, quando escapamos  
da sua bôca danada,  
vento é mouros de Grada  
120 par'ò medo que levamos.

Destas novas nam dou mais  
porque será demasia  
querer falar aravia [col. 3]  
com vós que a ensinai.  
125 Porém, quando cá estais,  
quantas vezes derribado  
fôste e desbaratado  
dêstes imigos mortais?

Eu tenho já feito paz,  
130 com êles, por ano e dia,  
— inda que por mais quera  
mas a êle nam lh'apraz —  
e, «quem mal cai, mal jaz»;  
eu ando mui avisado,  
135 s'achar algum desmandado  
bem sabeis como se faz!

Fim.

Aqui faço conclusam,  
beijando com muita fé  
as mãos de Vossa Mercê  
140 e do senhor vosso irmão.  
E nam vos esquecerám  
Rui Lôbo, Jorge de Sousa,  
que nam podem mandar cousa  
que negue meu coraçam.

## IX

*Cantiga [de Joam Roiz de Castel' Branco],  
partindo-se*

[ CVII, v ]  
[ col. 3 ]

Senhora, partem tam tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

- 5 Tam tristes, tam saüdosos,  
tam doentes da partida,  
tam cansados, tam chorosos,  
da morte mais desejosos  
cem mil vezes que da vida.
- 10 Partem tam tristes os tristes,  
tam fora d'esperar bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

## X

[*Cantiga do Doutor Francisco de Sá*][CIX, v  
col 2]

Que remédio tomarei,  
 pois tam certa a morte está,  
 qu'a dor que tal dor me dá,  
 se me segue, matar-m'-á,  
 5 se me deixa, matar-m'-ei?

Nam é em poder humano  
 escusar-ma já ninguém,  
 pois ela tomado tem  
 meu remédio e meu dano.  
 10 Senhora, onde me irei,  
 pois onde quer que me vá  
 tam cert'esta morte está  
 que convosco matar-m'á  
 e sem vós nam viverei?

---

12. H certa; 14. H vyurey.

## X I

*Trovas que fez Duarte da Gama  
às desordens que agora se costumam em Portugal.* [CXXXVIII, v]  
col. 2

Nam sei quem possa viver  
neste reino já contente,  
pois a desordem na gente  
nam quer leixar de crecer;  
5 a qual vai tam sem medida  
que se nam pode sofrer,  
nam há i quem possa ter  
boa vida.

Uns vejo casas fazer  
10 e falar por antre-soilos,  
que creio que têm mais doilos  
do qu'eu tenho de comer.  
Outros guarda-roupa, quartos,  
também vejo nomear,  
15 que já deviam d'estar  
disso fartos.

Outros vejo ter cadeiras  
de justo e de cruzado  
e chamarem-lhe d'estado:  
20 — Nam entendo tais maneyras! —  
Outros vendem a erdade  
por comprar tapeçaria,  
dos quais eu ser nam queria,  
na verdade.

25 Outros sei que vão chamar  
suas mães «minha senhora»,

10. *Antre-soilos*: sobrelojas; 11. *Doilos*: dores, trabalhos, desgostos (muito empregado por Jorge Ferreira de Vasconcelos); 18. *Justo*: moeda de ouro, do tempo de D. João II, do peso de dois *crusados*; *crusado*, moeda de ouro, da mesma época; 26. *H may*.

que muito melhor lhe fôra  
tal cousa nunca falar.

30 Outros se vão, por trazer  
cabeleiras, trosquiar,  
podendo-se desviar  
de o fazer.

[col. 3]

Outros nom têm moradia  
mais de seis centos reais,  
35 os quais querem ser iguais  
c'os fidalgos de valia.

Outros, por s'afidalgar,  
andam à brida, continos,  
em sindeiros, que sam dinos  
40 de coutar.

Outros vão trazer atados  
uns lencinhos no pescoço,  
que com gram pedra num poço  
deviam de ser lançados.

45 Outros, sem ser manciçados,  
sendo menores d'idade,  
andam já com valdade  
agravados.

Outros, sem lhe pertencer,  
50 às mulheres poem o «Dom»,  
avendo que é mui bom  
sem d'aquisso se correr.

Outros paje vão chamar  
a um moço dos que têm,  
55 que às vezes lhe convém  
almofaçar.

34. *H vreaes*; 35. *H yguacs*; 38. *Continos*, continuadamente; 40. G. Guimarães não percebeu a alusão e emendou para *coutar*. Como se sabe, certas povoações do reino eram convertidas em *contos*, isto é, em asilos de impunidade legal para criminosos. Muitas *cartas de conto* foram passadas pelos nossos reis a várias terras do reino. O que do v. 39 refere-se portanto a *outros*, e não a *sindeiros*; 49. *Lhe* está por *lhes* como em 27; 52. *Se correr*: se envergonharem; 55. *Lhe* por *lhes*, como em 27 e 49; 56. *Almofaçar*: limpar com almofaça (escova de limpar béstas).

Outros ham por cousa boa  
 nam ter homens nem cavalos,  
 e despreçam os vassallos  
 60 por se virem a Lisboa;  
 os quais, se fóssem lembrados  
 das pendenças e das guerras,  
 folgariam de ter terras  
 e criados.

65 Já ninguém nam quere usar  
 da nobreza dos passados  
 senam vinte mil cruzados  
 ver se podem ajuntar.  
 S'algum quere ser caçador  
 nom é senam de dinheiro,  
 nem há já nenhum monteiro  
 gram senhor.

Frei Paio, com sua renda, [CXXXV, 1]  
 75 monteiros e caçadores, [ col. 1 ]  
 escudeiros, servidores,  
 lh'acharam e nam fazenda.  
 Tinha lei de cavaleiro  
 na maneira do viver,  
 e quis antes isto ter  
 80 ca dinheiro.

O almirante passado  
 Frei Paio já precedeu,  
 pois na guerra despendeu  
 mais do que tinha ganhado;  
 85 e leixou endividado  
 seu filho, como sabeis;  
 mas, enfim, achá-lo-eis  
 mui honrado.

C'os mortos quis alegar,  
 90 por pena nam padecerem

62. *Pendenças*: *desavenças*; 65. Note-se u emprêgo de *não* depois de *negativa*; 71. *N nenhuma*; 73. *Frei Paio*: recorde-se o *Frei Paço* de Gil Vicente; 80. *N que*: do que.

os que disto carecerem,  
 se os vivos lhe louvar;  
     os quais, se louvar quisesse,  
 por ventura cessaria  
 95 com temor que nam teria  
 que dissesse.

Outros querem ir andar  
 na côrte, sendo casados,  
 e se fazem desterrados  
 100 donde deviam d'estar.  
 Outros se querem vender  
 qu'andam co[m] damas d'amores,  
 que nam sam merecedores  
 de as ver.

105 Outros nam querem verdade  
 falar, com ribaldaria,  
 falando por senhoria  
 a homens sem dinidade.  
     Ó usura conhecida,  
 110 tratada por tanta gente,  
 porqu'és no mundo presente  
 tam crecida?

Na cobiça dos prelados  
 nom é já pera falar,  
 115 qu'em vender, mais que rezar,  
 e em comprar, sam acupados.

Um só nam meto aqui,  
 que se nam nomeará,  
 e cada um tomará  
 120 que é por si.

[col. 2]

---

92. Entendo o verso da seguinte forma: o Autor, nas suas alegações, fala dos mortos (*Frei Paio* e o *Almirante*) e não dos vivos, para que não venham a sofrer com isso os que necessitam de alegações; *Lhe* por *lhes*, como em outros lugares; 101. *Vender*: gabar, exaltar, elogiar, fazer valer (o verbo correspondente (*vendere*) já tinha em latim idêntica significação figurada); 105-106. Leia-se: *Outros, com ribaldaria*, etc.; *com ribaldaria*: por velhacaria, sem vergonha.

As donas, por competir  
em terem cousas de Frandes,  
as fazendas muito grandes  
querem fazer destruir;  
125 as donzelas e[m] labores  
a isso também lh'ajudam.  
— Não sei porque nam se mudam  
tais errores!

Os desvairados vestidos,  
130 que se mudam cada dia,  
nom vejo nenhũa via  
para serem comedidos.  
Que se um galante traz  
um vestido qu'êle corte,  
135 qualquer homem d'outra sorte  
outro faz.

Porque, como fêz foão  
um capuz muito comprido,  
polo reino foi sabido,  
140 todos dam já pelo chão.  
Quem o português pintou  
em Roma, como se diz,  
foi nisso mui bom juiz,  
e acertou!

A maneira d'escrever  
que costumam nos ditados  
é chamarem já preçados  
a mil homens sem o ser.  
145 E, quando na baixa gente  
150 o costume fôr geral,  
há-de vir a principal  
a excelente.

Em qualquer aldeazinha  
achareis tal corruçam  
155 qu'a mulher do escrivam

---

129. *Desvairados*: diversos; 137. *Foão*: fulano; 141-144. *Desconhecemos a allusão deste verso*; 147. *Preçado*: estimado; é costume ainda hoje vigente entre nós.

cuida que é ãa rainha;  
 e também os lavradores,  
 com suas más novidades,  
 querem ter as valdades  
 160 dos senhores. (col. 3)

Na Chamusca vi um dia  
 ãa filha d'um vilão,  
 lavrando d'almarafão  
 o qual pera si fazia.  
 165 Daqui virão os chapins  
 e também os verdugados,  
 e após êles os trançados  
 e coxins.

O cavalo desbocado  
 170 nunca se pode parar  
 sem primeiro se cansar:  
 entam logo é parado.  
 Assi creio que faremos  
 nos gastos demasiados,  
 175 e depois de bem cansados,  
 pararemos.

Ê prudência conhecida,  
 por esta comparaçam,  
 nam nos ir El-Rei à mão  
 180 êstes dez anos de vida;  
 a qual lh'acrecentará  
 quem lha deu por muitos anos,  
 com que todos êstes danos  
 tirará

185 bem assi como tirou  
 outros muitos que sabemos,

163. *Lavrando d'almarafão*: bordando qualquer peça de vestuário como dona de alta linhagem. O *almarafão* talvez tenha que ver com a *almalafa* que designa véu ou manto de que usam as mulheres orientais quando saem à rua (V. Dozy, *Glossaire...* s. v. *Almalafa*); 165, 166, 167. *Os*: talvez esteja por *os* (nos); 166. *Verdugados*: vestidura ou armadura para dar mais roda às saias.

com que tal descanso temos  
que jamais nam se cuidou.

- 190 Se nos meterem em ordem  
com fôrça d'ordenações,  
tirar-s'-á dos corações  
a desordem.

- 195 A cidade de Cartago,  
depois de ser destruída,  
fêz em Roma mór estrago  
que antes de ser perdida.

- 200 Os romãos, dès que venceram,  
foram dos vícios vencidos,  
e seus louvores crecidos  
pereceram.

- 205 Assi, por nam perecerem [CXXXV, v]  
os tam antigos louvores [ col. 1 ]  
dos nossos predecessores,  
convém de nos reprimderem  
dos vícios e da torpeza  
em que queremos viver,  
antes de se converter  
em natureza.

- 210 Pois se eu, em tais desordens,  
só quiser ser ordenado,  
ei-de ser apedrejado  
sem me valerem as ordens.

- 215 Molhar-m'-ei, em que me pês,  
polo tempo e sazam,  
pois é natural razam  
a do Marquês.

188. Note-se o emprêgo de *nam* depois de *jamais*; 197. *Romãos*: romanos; 201. *N* *paracorem*; 213-216. Promete o Autor conformar-se com os costumes do tempo, em vez de andar ao arrepio, e cita uma *razão* do «Marquês». Deve tratar-se de qualquer composição de D. Pedro de Meneses, «o Marquês», investido no título de Marquês de Vila-Real por D. João II, com grande ceremonial, e colaborador do *Cancioneiro*, onde é designado por aquêlê título (V. ed. G. G. IV, pp. 126 e 214); 213. *Em que me pês*: ainda que me pese.

Se Martim Vaz de Siqueira  
 neste tempo s'acertara,  
 que doces cousas tocara  
 220 e por quam gentil maneira |  
     Nom há i mais antremeses  
 no mundo oniversal  
 do que há em Portugal,  
 nos portuguezes.

225 Em Roma, segundo lemos,  
 ordenaram dous censores,  
 os quais eram reprehores  
 dos vícios e dos estremos.  
 Lembravam òs principais  
 230 e òs pequenos o que tinham,  
 e a todos donde vinham  
 e seus pais.

Fim.

Assi, no tempo presente,  
 nam seria muito mal  
 235 aver i official  
 de desenganar a gente;  
     o qual em mi acharia  
 o que quero repretender,  
 e quiçais arrepender  
 240 me faria.

XII

*D'Anrique da Mota ao ortelam que a Rainha tem nas Caldas, que é um omem muito pequeno, chama-se Joam-grande, e passou estas palavras com êle por trazer a carroto de dizer que o provedor das Caldas, que chamam Jerônimo d'Aires, era muito sêco em suas cousas, e começa a bater à porta da orta e falam ambos um com o outro:*

[CCV, 1  
col. 1]

[A. da Mota] Hou lá, hou lá, hou de lá!  
 [Hortelão] Quem está i?  
 [A. da Mota] chegai, peço-vos, aqui  
 que queria entrar lá.  
 [Hortelão] Quem sois vós? Abrir-vos-ei. 5  
 [A. da Mota] Abri vós e vê-lo-eis.  
 [Hortelão] Que quereis?  
 [A. da Mota] Abri e dir-vo-lo-ei.

*Em abrindo a porta:*

[Hortelão] Amigo, Deus vos ajude!  
 E a vós faça... 10  
 [A. da Mota] Dizei-me, por vossa graça,  
 assi Deus vos dei saúde,  
 se está aqui Joam-grande,  
 um mui grande ortelam.  
 [Hortelão] Eu o sam 15  
 enquanto a Rainha mande.

---

**Epigrafe.** *Trazer a carroto:* trazer a propósito.

- [A. da Mota] Isso será zombaria?  
 [Hortelão] Bem, porquê?  
 [A. da Mota] porque sois um qutilqué  
 pouco mór que cotovia, 20  
 e J[ol]am-grande deve ser  
 um omem grande, crecido,  
 mui comprido  
 de descriçam e saber,
- e vós pareceis bugio 25  
 com capelo,  
 redondo como novêlo,  
 ou pimeu em desafio!
- [Hortelão] Se vós vindes a zombar 30 [col. 2]  
 nam vos quero mais ouvir,  
 quero m'ir  
 que nam posso aqui estar.
- [A. da Mota] Aguardai, nam vos partais.  
 Escuitai-me.  
 Hortelão] Estarei; e segurai-me 35  
 que nam zombeis de mim mais!
- [A. da Mota] Deixai-me passá'la porta  
 que queria lá entrar  
 e falar 40  
 c'o ortelão desta orta.
- [Hortelão] Pois ou grande ou pequeno,  
 eis-m' aqui.  
 [A. da Mota] O que dizeis é assi?  
 [Hortelão] Assi é, por Sant'Hileno,  
 vêde vós o que quereis! 45  
 [A. da Mota] Paracês arratalinho,  
 folforinho...!
- [Hortelão] Nam disse que nam zombeis?  
 Ora i-vos logo fora  
 da minha orta 50  
 que quero çarrá'la porta!

26. *Capelo*: capuz; 37. *Passala*: passar a; 48. *Folforinho*: desconheço o significado desta palavra; 51. *Carrala*: cerrar a.

- [A. da Mota] Ei'lo demo vem agora!...  
 Nam vos pidirei perdam  
 por qualquer coisa qu'errasse  
 ou passasse 55  
 mais de vossa condiçam!
- [Hortelão] Por i me podeis levar  
 que, pèr bem,  
 nam me vencerá ninguém...  
 Ora podeis vós entrar! 60
- [A. da Mota] Benz'às Deus as laranjeiras,  
 Parece qu'a ôlho crecem;  
 e já tecem  
 por aqui estas limeiras!
- Oh, que cousa tam real 65  
 começada!
- [Hortelão] Entrai, que nam vêdes nada...  
 [A. da Mota] Oh, que fremoso cidral!  
 E estas laranjeirinhas [col. 3]  
 de laranjas carregadas!... 70
- [Hortelão] Sam prantadas  
 por estas santas mãos minhas!
- [A. da Mota] Quanto vós aqui prantais  
 tudo prende,  
 por que tanto se me entende 75  
 que ninguém nam sabe mais.
- [Hortelão] Um pau sêco aqui metido  
 com o saber que me Deus deu,  
 farei eu  
 ficar verde e mui frolido! 80
- [A. da Mota] Oh, que cousa de louvor  
 esta é!  
 Metei cá, por vossa fé,  
 êste vosso provedor...!

60. *Creceer a ôlho*: crescer a olhos vistos; 63. *Tecer*: entrelaçar-se, entretecer-se; 75. *Por que tanto se m'entende*: pelo que acabo de convencer-me; 76. Note-se o emprêgo de *nam* depois de *ninguém*, como em outros lugares.

- I correndo mui asinha, 85  
 — que vos valha Deus! — trazê-o  
 e fazê-o  
 qu'ê serviço da Rainha!
- [Hortelão] Ó Jesu! Nam me faleis  
 nesta cousa, 90  
 porque meu saber nam ousa  
 fazer isso que quereis;  
 porque tôda a natureza  
 nem o saber de Medea,  
 nem Cuma, 95  
 nam faram tal ardideza;
- porque sua sequidade  
 é de sorte  
 que nunca, senam per morte,  
 mudará sa calidade! 100  
 E pera se regar bem  
 primeiro despenderei  
 e secarei  
 tôda quanta água aqui vem!
- E ainda nam m'atrevo 105  
 a regá-lo,  
 e se se quiser bem aguá-lo  
 nam farei cá o que devo...  
 Antes êle fique sêco  
 que dar má conta de mim! 110  
 E, enfim,  
 serei julgado por pêco,
- porque sempre ouvi falar, [CCV, v]  
 cá e lá, [ col. 1 ]  
 que «o que natura dá 115  
 ninguém o pode negar»...  
 Êle tem sêca naçam

93. Note-se a supressão de *nem* antes de *tôda*; 94. *Medea*: mágica lendária do ciclo dos Argonautas; 95. *Cuma*: sibila de Cumas; 96. Note-se o emprêgo de *nam* depois de *nem*; 96. *Ardideza*: façanha; 97. *Sequidade*; sequidão. 117. *Naçam*: casta.

de seu sêco natural;  
 pelo qual  
 nam á i já redençam. 120

[A. da Mota] Assi que vos despedis  
 de trazê-lo...  
 D'outra parte eu ponho sêlo  
 a isso que concrudis;  
 porque depois que naci, 125  
 outra tam sêca pessoa,  
 sendo boa,  
 nunca nesta terra vi.

Fim e concrusam:

Ê assi que, concrudindo,  
 nunca pude achar maneira 130  
 pera que sua sequeira  
 se fôsse deminuindo...

Porém dizem qu'á um dito,  
 — bem me deveis d'entender —  
 que se acha em escrito, 135  
 que «quando virmos sol fito...»  
 qu' «esperemos por chover»!

---

121. *Despedir*: abandonar a idéia; 131. *Sequeira*: sequidão; 133.  
*Qu'd* (= *qua hd*).

## XIII

*Cantiga [de Bernardim Ribeiro]  
à senhora Maria Coresma.*

[CCXI, r  
col. 3]

Uns esperam a coresma  
pera se nela salvar,  
eu perdi-me nela mesma  
pera nunca me cobrar.

- 5 Mas com esta perda tal  
eu m'ei por mui bem ganhado,  
porque o melhor de meu mal  
está todo no cuidado.  
Os que cuidam qu'a coresma  
10 nam é pera condenar,  
se a virem ela mesma,  
mal se poderám salvar.

[CCXI, v  
col. 1]

---

4. *Cobrar*: recuperar.

## XIV

*Esparça* [de *Bernardim Ribeiro*]. <sup>(1)</sup> [CCXI, v  
col. 1]

D'esperança em esperança  
pouco a pouco me levou  
grand'engano ou confiança  
que me tam longe leixou.

5 Se m'isto tomara outrora,  
cuidara de ver-lhe fim:  
mas qu'ei-de cuidar j'agora  
sem esperança e sem mim?

---

(1) *Cobia esparsa*, era já, na poesia provençal, a *cobia* isolada, com, ou sem *tornada*.

## XV

*Vilancete [de Bernardim Ribeiro].*[ CCXI, v ]  
[ col. 2 ]

Antre mim mesmo e mim  
nam sei que s'levantou  
que tam meu imigo sou.

Uns tempos com grand'engano  
5 vivi eu mesmo comigo,  
agora, no mor perigo,  
se me descobre o mor dano.  
Caro custa um desengano,  
e pois m'êste nam matou  
10 quam caro que me custou!

De mim me sou feito alheo;  
antr'o cuidado e cuidado  
está um mal derramado  
que por mal grande me veo.  
15 Nova dor, novo receo,  
foi êste que me tomou:  
assi me tem, assi estou.

## XVI

*Trovas [de Francisco de Sousa] a este  
vilancete:*

[CCXIII, 1]  
col. 2]

«*Abaix' esta serra  
verei minha terra.*»

Ó montes erguidos  
deixai-vos cair,  
deixai-vos sumir  
e ser destruidos,  
5 pois males sentidos  
me dam tanta guerra  
por ver minha terra.

Ribeiras do mar,  
que tendes mudanças,  
10 as minhas lembranças  
deixai-as passar.  
Deixai-mas tornar  
dar novas da terra  
que dá tanta guerra.

Cabo.

[col. 3]

15 O Sol escurece,  
a noite se vem,  
meus olhos, meu bem,  
já nam aparece.  
Mais cedo anoitece  
20 aquém desta serra  
que na minha terra.

---

8. *Ribeiras do mar*: alusão a foz de rio, pois só assim se explicam as «mudanças» (variações da maré) do *pé* imediato.

## XVII

[*Trovas de Francisco de Sousa*] em [CCXV, 1]  
*um caminho.* col. 1]

Os lugares em qu'andei  
 convosco, ledo e oufano,  
 nesta tristeza os busquei,  
 mas o que neles achei  
 5 foi a meu dano mor dano :  
 Comecei-lh'a perguntar  
 que fôra daquela grórea  
 qu'ali me viram passar,  
 responderam, sem falar,  
 10 qu'estaria na memória.

— «Em qual memória», pergunto,  
 «pode tal lembrança ser?»  
 Responderam :

— «Tudo junto,  
 «o próprio e o transunto,  
 15 «na vossa podereis ver».  
 Na reposta que senti  
 vi meu mal camanho era,  
 vi o que logo me vi:  
 partir dêles e de mi  
 20 para donde nam quisera.

Comecei de caminhar  
 um caminho povoado,  
 por um mui craro lóar  
 que me fazia parar  
 25 a cada passo, pasmado.  
 Pus os olhos nas estrêlas,  
 por nam ver por donde andava,  
 olhando por tôdas elas ;

7. *Grórea*: felicidade; 14. *O próprio e o transunto*: a lembrança da sua própria felicidade e a imagem da sua felicidade nas coisas; 17. *Camanho*: quam grande; 20. *Donde*: onde; 23. H Lumâr; 28. H Todos.

30 lágrimas tristes, querelas,  
escuro tudo tornava.

Com lembranças ledas, tristes, [col. 2]  
vim assi fantasiando;  
fantasias! que nam vistes,  
sentidos! que nam sentistes,  
35 como nos vinham matando...

Mas quem soubera morrer  
a tal tempo e tal hora,  
para nam tornar a ver  
vida tam má de sofrer  
40 com'esta triste d'agora!

Ó vida de minha vida,  
ó triste grória passada,  
ó memória entrestecida,  
pois sois tam desconhecida  
45 para que me lembrais nada?

Esquecei vossas lembranças,  
deixai-me viver assi  
sem vossas vãs esperanças,  
porque com vossas mudanças  
50 vivo sem vós e sem mi.

Cantiga e fim.

Lembranças, nam persigais  
a quem já nam tem poder  
mais que quanto vós lhe dais  
para suspiros e ais,  
55 para chorar e gemer.

Ó minha triste memória,  
ó minha dor nam fengida,  
se lembrar fôsse vitórea  
a quem darlês mais grória

29. querelas: queixas; 30. Tornava está por tornavam, 44.  
Desconhecida: desconhecida de si mesma, diferente; 50. Darlês:  
darleis.

60 qu'a quem dais tam triste vida?  
Mas estas lembranças tais  
deviês já d'esquecer  
que, se lembram, acordais  
os meus suspiros e ais,  
e meu chorar e gemer.

XVIII

*Trovas que Garcia de Resende fez à* [ CCXXI, r ]  
*morte de Dona Inês de Castro, que* col. 2  
*El-Rei Dom Afonso o quarto, de*  
*Portugal, matou em Coimbra, por*  
*o príncipe Dom Pedro seu filho a*  
*ter como mulher e polo bem que*  
*lhe queria nam queria casar, ende-*  
*rençadas às damas.*

Senhoras, s'algum senhor  
 vos quiser bem ou servir,  
 quem tomar tal servidor  
 eu lhe quero descobrir  
 5 o galardam do amor.  
 Por Sua Mercê saber  
 o que deve de fazer,  
 vej'õ que fez esta dama,  
 que de si vos dará fama  
 10 s'estas trovas quereis ler.

Fala Dona Inês:

Qual será o coraçam  
 tam cru e sem piadade  
 que lhe nam cause paixam  
 ãa tam gram crueldade  
 15 e morte tam sem rezam?  
 Triste de mim, inocente,  
 que por ter muito fervente  
 lealdade, fé, amor,  
 õ príncepe, meu senhor,  
 20 me mataram cruamente!

A minha desaventura,  
 nam contente d'acabar-me,  
 por me dar maior tristura

me foi pôr em tant'altura  
 25 para d'alto derribar-me;  
     que, se me matara alguém  
     antes de ter tanto bem,  
     em tais chamás nam ardera,  
     pai, filhos, nam conhecera,  
 30 nem me chorara ninguém.

Eu era moça, menina,  
 per nome Dona Inês  
 de Crasto, e de tal doutrina  
 e vertudes qu'era dina  
 35 de meu mal ser ò revés.  
     Vivia sem me lembrar  
     que paixam podia dar  
     nem dá-la ninguém a mim:  
     foi-m'o príncepe olhar,  
 40 por seu nojo e minha fim!

[col. 3]

Começou-m'a desejar,  
 trabalhou por me servir,  
 fortuna foi ordenar  
 dous corações conformar  
 45 a sua vontade vir.  
     Conheceu-me, conheci-o,  
     quis-me bem e eu a êle,  
     perdeu-me, também perdi-o,  
     nunca té morte foi frio  
 50 o bem que, triste, pus nêle.

Dei-lhe minha liberdade,  
 nam senti perda de fama;  
 pus nêle minha verdade,  
 quis fazer sua vontade,  
 55 sendo mui fremosa dama.  
     Por m'estas obras pagar  
     nunca jamais quis casar;

27. *Tanto*: tamanho; 28. *Em tais chamás*: em tão grande paixão; 46. *Nojo*: dano; *fim* (sem.); 46-50. Note-se a admirável concisão com que o Poeta dá conta do trágico romance de amor.

60 polo qual, aconselhado  
foi El-Rei qu'era forçado,  
polo seu, de me matar.

Estava mui acatada,  
como princesa servida,  
em meus paços mui honrada,  
de tudo mui abastada,  
65 de meu senhor mui querida.

Estando mui de vagar,  
bem fora de tal cuidar,  
em Coimbra d'assessêgo,  
polos campos de Mondego  
70 cavaleiros vi somar.

Como as cousas qu'am-de ser  
logo dam no coração,  
comecei entresticer  
e comigo só dizer:

75 «Estes homens donde iram?» [ CCXXI, v ]  
[ col. 1 ]

E tanto que preguntei,  
soube logo qu'era El-Rei.  
Quando o vi tam apressado,  
meu coração trespassado  
80 foi, que nunca mais falei.

E quando vi que decia,  
saí à porta da sala;  
devinhando o que queria,  
com gram chôro e cortesia  
85 lhe fiz ùa triste fala.

Meus filhos pus derredor  
de mim, com gram omildade;  
mui cortada de temor,  
lhe disse:

90 — «avei, Senhor,  
desta triste piadade!

60. polo seu: por defesa do seu Reino e da sua dinastia; 66.  
Mui de vagar: despreocupada; 70. Somar: assomar, aparecer: 75.  
Donde: onde.

« Nam possa mais a paixam  
 que o que deveis fazer;  
 metei nisso bem a mam,  
 qu'ê de fraco coraçam  
 95 sem porquê matar mulher;  
 quanto mais a mim, que dam  
 culpa nam sendo rezam,  
 por ser mãe dos inocentes  
 qu'ante vós estam presentes,  
 100 os quais vossos netos sam

« e têm tam pouca idade  
 que, se nam forem criados  
 de mim, só com saüdade  
 e sua gram orfindade,  
 105 morreram deseparados.  
 Olhe bem quanta crueza  
 fará nisto Voss'Alteza,  
 e também, Senhor, olhai,  
 pois do príncepe sois pai,  
 110 nam lhe deis tanta tristeza.

« Lembre-vos o grand'amor  
 que me vosso filho tem,  
 e que sentirá gram dor  
 morrer-lhe tal servidor,  
 115 por lhe querer grande bem.  
 Que, s'algum erro fizera,  
 fôra bem que padecera  
 e qu'êstes filhos ficaram  
 órfãos tristes, e buscaram  
 120 quem dêles paixam ouvera;

« mas, pois eu nunca errei  
 e sempre mereci mais,  
 deveis, poderoso rei,  
 nam quebrantar vossa lei  
 125 que, se moiro, quebrantais.  
 Usai mais de piadade

[col. 2]

116. *Fizera*: tivesse feito; 119: *buscaram*: buscassom; 118. *Ficaram*: ficassom; 119. *buscaram*: buscassem; 120. *ouvera*: houvesse.

que de rigor nem vontade;  
 avei dó, Senhor, de mim,  
 nam me deis tam triste fim  
 130 pois que nunca fiz maldade!»

El-Rei, vendo como estava,  
 ouve de mim compaixam  
 e viu o que nam oulhava:  
 qu'eu a êle nam errava  
 135 nem fizera traíçam.

E vendo quam de verdade  
 tive amor e lealdade  
 ò princepe, cuja sam,  
 pôde mais a piadade  
 140 que a determinaçam.

Que, se m'êle defendera  
 qu'a seu filho nam amasse,  
 e lh'eu nam obedecera,  
 entam com rezam pudera  
 145 dar-m'a morte qu'ordenasse;  
 mas, vendo que nenhũ'hora,  
 — dès que naci até'gora —  
 nunca nisso me falou,  
 quando se disto lembrou,  
 150 foi-se pola porta fora,

com seu rosto lagrimoso,  
 c'o propósito mudado,  
 muito triste, mui cuidadoso,  
 como rei mui piadoso,  
 155 mui cristam e esforçado.

Um daqueles que trazia  
 consigo na companhia,  
 cavaleiro desalmado,  
 detrás dêle, mui irado,  
 160 estas palavras dezia:

127. *Vontade*: má-vontade; 132. *Ouve*: houve; 133. *Oulhava*: considerava; 141. *Defendera*: tivesse defendido (= proibido); 142-143. Note-se o emprêgo de *nam* depois de *defender*; 143. *Obedecera*: obedecesse; 144. *Pudera*: poderia.

— «Senhor, vossa piadade  
 é dina de reprimir,  
 pois que, sem necessidade,  
 mudaram vossa vontade  
 165 lágrimas d'ũa mulher.  
 E quereis qu'abarregado, [col. 3]  
 com filhos, como casado,  
 estê, Senhor, vosso filho?  
 De vós mais me maravilho  
 170 que dêle qu'ê namorado!

«Se a logo nam matais,  
 nam sereis nunca temido  
 nem faram o que mandais,  
 pois tam cedo vos mudais  
 175 do conselho qu'era havido.  
 Olhai quam justa querela  
 tendes, pois por amor dela  
 vosso filho quiere estar  
 sem casar, e nos quiere dar  
 180 muita guerra com Castela.

«Com sua morte escusareis  
 muitas mortes, muitos danos,  
 vós, Senhor, descansareis,  
 e a vós e a nós dareis  
 185 paz para duzentos anos:  
 O príncepe casará,  
 filhos de bençam terá,  
 será fora de pecado;  
 qu'agora seja anojado  
 190 amenhã lh'esquecerá!»

E, ouvindo seu dizer,  
 El-Rei ficou mui torvado,  
 por se em tais estremos ver  
 e que havia de fazer  
 195 ou um ou outro, forçado.

169. *Sem necessidade*: sem justificação; 166. *Abarregado*: em *barregania*, em mancebia; 187. *Filhos de bençam*: filhos de legitimo matrimonio; 189. *Qu'agora seja anojado*: ainda que agora seja anojado (= desgostado, mortificado).

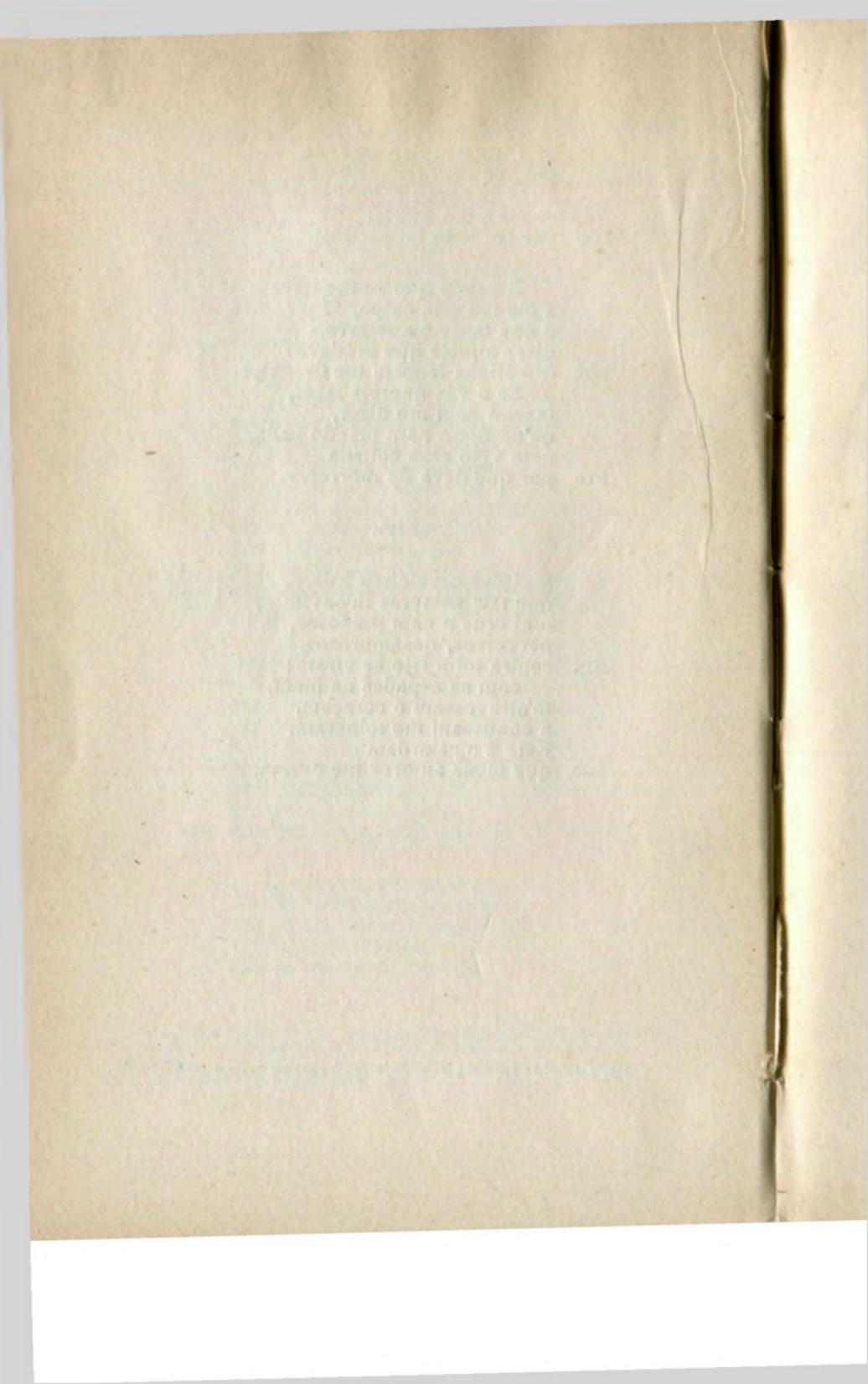
Desejava dar-me vida,  
 por lhe nam ter merecida  
 a morte nem nenhum mal:  
 sentia pena mortal  
 200 por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava  
 a êle tod'esta culpa,  
 e que tanto o apertava,  
 disse àquêle que bradava:  
 205 — « Minha tençam me desculpa.  
 Se o vós quereis fazer,  
 fazei-o sem mo dizer,  
 qu'eu nisso nam mando nada,  
 nem vejo essa coitada  
 210 por que deva de morrer. »

Fim.

Dous cavaleiros irosos,  
 que tais palavras lh'ouviram,  
 mui crus e nam piadosos,  
 perversos, desamorosos,  
 215 contra mim rijo se viram;  
 com as espadas na mam,  
 m'atravessam o coraçam,  
 a confissam me tolheram.  
 Êste é o galardam  
 220 que meus amores me deram.

[CCXXII, r]  
 col. 1



GLOSSÁRIO

GIORNALE

## GLOSSÁRIO

- acenso** (do l. *accensus*, part. de *accendo*) — acêso, inflamado.
- acrecentar** — acrescentar.
- acupar** — ocupar.
- amenhã** — amanhã.
- antre** — entre.
- antremês** — entremês.
- antre-sollos** — entre-solos.
- quisso** — isso. Também é conhecida a forma moderna (v. XI, 143).
- arratalinho** — arratelinho.
- assessêgo** — sossêgo.
- assl** — assim.
- aver** (e formas derivadas) — haver. Também aparecem formas com a grafia moderna.
- bautismo** — baptismo.
- calidade** — qualidade.
- cando** — quando.
- celestial** — celestial.
- cipestre** — arcipestre.
- concrudir** — concluir.
- contino** — contínuo.
- contrairo** — contrário.
- coresma** — quaresma.
- corruçam** — corrupção.
- costolaçam** — constelação.
- craridade** — claridade.
- craro** — claro.
- Crasto** — castro (Na *Epi-grafe* de XVIII empregou-se a forma *Castro*).
- crecer** — crescer.
- cromêncea** — clemência.
- Cristos** — Cristo.
- cuitelo** — cutelo.
- daqueste, daquesta** — dêste, desta.
- daries** — darfeis.

- dei** (xii, 12) — dê.  
**dês** — desde; dêz que — desde que.  
**desaventura** — desventura.  
**desemparrado** — desamparrado.  
**despende** — dispende.  
**despreçar** — desprezar.  
**dovês** — deveis.  
**devies** — devéis.  
**devinhar** — adivinhar.  
**devulgado** — divulgado.  
**dicenso** (do l. *dissensus*) — dissentimento.  
**dinidade** — dignidade.  
**dino, a** — digno, a.  
**eicelência** — excelência.  
**eicelente** — excelente (em xi, 152 temos *excelente*).  
**emperador** — imperador.  
**entradanhas** — entranhas.  
**entresticer** — entristecer.  
**entrestecida** — entristecida.  
**envenção, ões** — invenção, ões.  
**enveja** — inveja.  
**erdade** — herdade.  
**escutai** — escutai (imp. de *escutar*).  
**Esprito-Santo** — Espírito-Santo.  
**espritual, a's** — espiritual, ais.  
**estê-esteja** (3.<sup>a</sup> p. s. per. conj. do v. *estar*).  
**estória** — história.  
**ostremo** — extremo.  
**fames** (l. *fames*) — fome.  
**fanteasia** — fantasia.  
**fantesiar** — fantasiar.  
**fazê** — fazei (imp. de *fazer*).  
**fengida** — fingida.  
**Frandes** — Flandres.  
**fremoso** — formoso.  
**frolido** — florido.  
**fror, es** — flor, es.  
**frorecer** — florescer.  
**froxeza** — frouxeza.  
**Grada** — Granada.  
**grôrea (e grôria)** — glória.  
**i** — ide (imp. do v. *ir*).  
**i** — aí.  
**imigo** — inimigo.  
**Indeas** — Índias.  
**istenso** — extenso.  
**Jesu** — Jesus.  
**leixar** — deixar.  
**lôjea** — loja.  
**lûar** — luar.

- madre** — mãe. Empregada no texto em referência à Mãe de Deus e à Rainha D. Leonor.
- mancipado** — emancipado.
- mauno** — magno.
- melitar** — militar.
- memôrea** (e **memória**) — memória.
- mensagem** — mensagem.
- metreficar** — metrificar.
- mi** (e **mim**) — mim.
- milhor** — melhor.
- moiro** — morro (1.<sup>a</sup> p. pre. ind. do v. *morrer*).
- nacer** — nascer.
- nehũa** — nenhuma.
- nom** (e **nam**) — não.
- ô, ôs** — ao, aos.
- omem** (e **homem**) — homem.
- omildade** — humildade.
- ouiversal** — universal.
- orfindade** — orfandade.
- orta** — horta.
- ortelão** — hortelão.
- oufano** — ufano.
- oulhar** — olhar.
- padre** (e **pai** em XVIII, 109) — pai. Empregado em VI (estrofes de *arte maior*) e em VII (poesia sacra).
- paje** — pagem.
- parecês** — pareceis.
- pendença** — pendência.
- per** — por.
- pera** (e **para**) — para.
- perflugente** — perfulgente.
- perla** — pérola.
- pês** — pese (3.<sup>a</sup> p. pr. conj. do v. *pesar*).
- pestelência** — pestilência.
- pladade** (e **piadade**) — piedade.
- piadoso** — piedoso.
- pide** — pede (imp. do v. *pedir*).
- pedido** — pedido (part. pass. de *pedir*).
- pidirei** — pedirei (1.<sup>a</sup> p. do fut. do v. *pedir*).
- pimeu** — pigmeu.
- povorado** — povoado (s. m.).
- premite** — permite (3.<sup>a</sup> p. s. pr. do ind. do v. *permitir*).
- presão, ões** — prisão, ões.
- prantar** — plantar.
- preçado** — prezado (part. pass. do v. *presar*).

- princepe (e príncipe)** — príncipe.  
**próprio** — próprio.  
**quiquais** — quicá.  
**cutilquê** — cutiliquê.  
**remêdeo** — remédio.  
**reprender** — repreender.  
**reprensor** — repreensor.  
**retenir** — retinir.  
**rezam (e razam)** — razão.  
**sa, sas** — sua, suas. Também aparece a forma moderna. Cf. *sa morte* (VI, 55) e *sua morte* (XVIII, 181).  
**sam** — sou (1.ª p. pr. ind. do v. *ser*).  
**se (see)** — de *sedere* (3.ª p. s. pr. ind.).  
**segun** — segundo.  
**sento (e sinto)** — sinto (1.ª p. do pr. ind. do v. *sentir*).  
**sindeiro** — sendeiro.  
**sintimento** — sentimento.  
**sintimos** — sentimentos (1.ª p. pl. pr. ind. do v. *sentir*).  
**sojeiçam** — sujeição.  
**sojigar** — subjugar.  
**somana** — semana.  
**súdito** — súbdito.  
**sustância** — substância.  
**tê (e até)** — até.  
**tragoa** — f. de *tragão* (que traga). Em espanhol (adj. e s. fem.): *tragón*.  
**trazê** — trazei.  
**trebuto** — tributo.  
**trebutário** — tributário.  
**trestornar** — transtornar.  
**trestura (e tristura)** — tristura.  
**trosquiar** — tosquiar.  
**ũa** — uma.  
**umano (e humano)** — humano.  
**vertude** — virtude.  
**vertuoso** — virtuoso.  
**vitorea (e vitória)** — vitória.

## EMENDA

A p. 32, em nota aos vv. 5, 8 e 39, onde se lê *Nô mais*: nom mais, deve ler-se *Nô menos*: nom menos.